



NARRATIVAS DO **ENVELHECIMENTO**

OFICINA LITERÁRIA | 2023



Organizadores:

Gilliatt Hanois Falbo Neto

Juliana de Farias Pessoa Guerra

Yale Simone Oliveira Henriques Veras

Apresentação:

Gilliatt Hanois Falbo Neto

Prefácio

Juliana de Farias Pessoa Guerra

Diagramação

Manoela Neves

Revisão

Juliana de Farias Pessoa Guerra

Agradecimentos

Abrigo Cristo Redentor

• FICHA

Oficina Literária Módulo Optativo FPS

Docente:

Juliana de Farias Pessoa Guerra

Alunos

2023.1 – turma 1

Claudiana Rufino Da Silva – Enfermagem

Rebecca Barreto de Araújo – Medicina

Roberta Farias Bradley Alves – Fisioterapia

Lilian de Oliveira Santos – Medicina

Daniel Bezerra de Moraes – Medicina

Isabela Rodrigues – Fisioterapia

Amanda Freitas Dos Santos – Psicologia

2023.2 – turma 2

Letícia Cavalcanti – Fisioterapia

Anna Luiza Santiago Muniz – Fisioterapia

Karinne Grazielle Oliveira Silva – Medicina

Emanuely Lima da Silva – Fisioterapia

Maria Clara Nadler – Psicologia

Lucas Campos Amaral Siqueira – Psicologia

Ficha Catalográfica
Preparada pela Faculdade Pernambucana de Saúde

F143n Faculdade Pernambucana de Saúde

Narrativas do envelhecimento: oficina literária 2023. / Faculdade Pernambucana de Saúde; organizadores Gilliatt Hanois Falbo Neto, Juliana de Farias Pessoa Guerra, Yale Simone Oliveira Henrique Veras. – Recife: FPS, 2023.

28 f.

E-book

ISBN: 978-65-6034-079-4

1. Envelhecimento. 2. Jornada. 3. Literatura. I. Falbo Neto, Gilliatt Hanois, organizador. II. Guerra, Juliana de Farias Pessoa, organizadora. III. Veras, Yale Simone Oliveira Henrique Veras, organizadora. IV. Título.

CDU 612.67

APRESENTAÇÃO

O cuidado com a saúde, transmite a muitos dos seus seguidores, um sentimento atávico ao qual se socorrem na literatura para compartilhar, suportar ou até mesmo abandonar a prática dos cuidados com seus pacientes.

Citaria aqui alguns médicos (fica mais fácil para mim pois trata-se da minha profissão) que através dos tempos podem bem exemplificar o que afirmo.



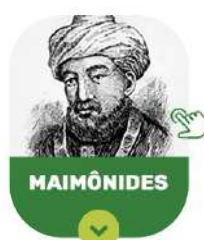
SÃO LUCAS

Apóstolo e padroeiro dos médicos.



AVICENA

Filósofo persa



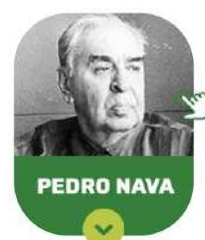
MAIMÔNIDES

Filósofo muçulmano Andaluz



NICOLAU COPÉRNICO

Matemático, astrônomo, polonês.



PEDRO NAVA

Escritor mineiro



RONALDO BRITO

Escritor pernambucano



FRANÇOIS RABELAIS

Dramaturgo francês



ANTON TCHEKHOV

Escritor russo



AFRÂNIO PEIXOTO

Escritor mineiro



JOÃO GUIMARÃES ROSA

Romancista brasileiro



MOACYR SCLIAR

Escritor gaúcho

A Faculdade Pernambucana de Saúde-FPS quando incentiva seus estudantes a transportar ao papel seus sentimentos nas diversas formas de verso e prosa, tem um sonho ousado de que algum dia a literatura os tenha seduzido e quem sabe possamos futuramente nos orgulhar de ter intimamente contribuído para o surgimento de mais um escritor da nossa língua portuguesa.

Gilliatt Falbo

Coordenador Acadêmico da FPS

PREFÁCIO

Com imensa satisfação, apresentamos o resultado do Módulo da Oficina Literária que, ao longo de 2023, percorreu vastos horizontes literários, desde a literatura brasileira passando pela perspectiva da literatura decolonial até a intersecção com a saúde. Este E-Book é fruto do talento e da dedicação dos participantes, alunos de graduação da Faculdade Pernambucana de Saúde, que exploraram com sensibilidade o tema do envelhecimento.

As crônicas e os contos aqui reunidos oferecem uma reflexão multifacetada sobre o processo natural da vida, capturando nuances, desafios e beleza do ato de envelhecer. São narrativas que refletem sobre a passagem do tempo no corpo e na alma, mostrando não apenas a diversidade de estilos, mas também a riqueza de experiências compartilhadas durante a oficina. Agradeço a Mariana Nepomuceno, a Carla Figueiroa, e em especial, a Gilliat Falbo, incentivador e idealizador dos módulos optativos, que tornaram possível a realização desta Oficina Literária. Sua inspiração constante e dedicação incansável foram essenciais para o sucesso desta jornada.

A escrita não é apenas uma atividade criativa, mas um processo pelo qual as emoções encontram expressão. Cada palavra, cada frase, cada ponto e vírgula é um reflexo da experiência humana, uma tentativa de dar sentido ao caos, à alegria, à tristeza e à complexidade da vida. Assim, o fazer literário transcende a produção de obras; é um ato de tradução da vida em linguagem e narrativas.

Como diz Conceição Evaristo na “escrivivência”, as vivências muitas vezes silenciadas são resgatadas por meio das palavras. A escrita oferece uma oportunidade de reconhecimento e validação das experiências individuais e coletivas. Sendo assim, a “escrivivência” se torna um ato de empoderamento e um meio de reivindicar a própria narrativa. Que assim seja.

Boa leitura!

Juliana Guerra

A casa que antes era cheia, agora é vazia.....	8
Claudiana Rufino Da Silva	
Rugas.....	9-10
Rebecca Barreto de Araújo	
Passar das horas	11
Roberta Farias Bradley Alves	
Sobre o envelhecer.....	12-13
Lilian de Oliveira Santos	
Maria Ana.....	14
Daniel Bezerra de Moraes	
Questionamentos sobre o envelhecimento.....	15
Isabela Rodrigues	
A incandescente essência de Catarina.....	16-19
Amanda Freitas Dos Santos	
A vida de Rose.....	20
Letícia Cavalcanti	
Crônica sobre o envelhecer.....	21
Karinne Grazielle Oliveira Silva (Medicina)	
Crepúsculo da Jornada.....	22
Emanuely Lima da Silva	

• SUMÁRIO

O Jogo da Memória Infinita.....	23
Maria Clara Nadler	
O envelhecimento e seus contos.....	24
Anna Luiza Muniz	
Seis Horas da Manhã.....	25-26
Lucas Campos Amaral Siqueira	
Registro Abrigo Cristo Redentor.....	27-29

• SUMÁRIO



A CASA QUE ANTES ERA CHEIA, AGORA É VAZIA

Claudiana Rufino Da Silva

Em todos os cômodos da casa dá pra sentir o silêncio do vazio, os móveis empoeirados, no sofá quase ninguém senta mais, as paredes que eram pintadas todo final de ano, não são pintadas há anos. Na estante da sala, ainda está o porta retrato com a foto de um jantar em família. Mesmo desgastada pelo tempo, ainda há como visualizar filhos, netos, sobrinhos, esposo e alguns queridos amigos. Ali no cantinho esquerdo da foto, sentada na cadeira de balanço, está a Dona Maria.

Dona Maria mora nessa casa há anos e foi nela que criou seus filhos. Todos os dias ela pega o telefone e liga para cada um dos seus nove filhos que moram longe e dificilmente lhe visita. Ao entardecer, ela senta seu esposo na cadeira de rodas e o leva até uma árvore plantada em seu quintal e lá ficam conversando. Sentada na cadeira ao lado do esposo, seus cabelos grisalhos ao vento, seu vestidinho florido feito por ela, com seu chinelinho velho preferido, começa a relembrar do tempo em que era mais ativa e que reunia a família em sua casa, os filhos saíam para fazer a colheita das plantações que ela cultivava com seu esposo, as filhas se juntavam com ela para debulhar o feijão, descascar o milho e preparar o restante do alimento para a refeição. Os netos correndo pela casa a brincar e depois indo em direção aos seus braços.

De repente, escorre uma lágrima de seus olhos. Ela não aguenta mais a saudade apertando em seu coração. Seu esposo ligeiramente olha pra ela e, com um lençinho que tinha em suas mãos, ajuda a secar suas lágrimas e a abraça. Dias depois, Dona Maria acorda, abre as janelas do quarto e percebe que a pele do seu esposo está mais pálida do que o normal, rapidamente o toca e sente seu corpo gelado, ela cai de joelhos sob a cama e começa a derramar-se em lágrimas. Logo, liga para seus filhos para dar a triste notícia do falecimento do seu amado. Pouco a pouco, os filhos que ela não via há meses vão chegando em sua casa. Ela fica angustiada em pensar que após tanto tempo querendo ter sua família reunida, isso só foi possível em um momento de tanta dor. Sua filha mais velha mexendo na gaveta da cômoda que ficava ao lado da cama do casal, encontra uma carta escrita pelo seu pai onde ele contava sobre os sentimentos de solidão da sua esposa depois que os filhos os deixaram. Nesta carta, ele também pedia pra que eles não a deixassem sozinha depois que ele partisse.

RUGAS

Rebecca Barreto de Araújo

Me observo no espelho, o reflexo me fascina. A cada ano que passa, noto mudanças graduais. Linhas, antes finas, se tornam cada vez mais profundas, juntamente a minha história, acompanhando toda a minha trajetória. Cada marca na pele retrata de modo individual um pouco de minha vida, apesar de ainda ser difícil aceitá-las. Todos os amores, decepções, conquistas, me tornaram essa pessoa que observo no momento.

Me questiono diariamente como será viver com as limitações que a idade irá me proporcionar. Cada dor articular que sinto ao caminhar me faz recordar minha condição, o que me lembra o auge de minha juventude, onde estava acostumada a beleza, força e agilidade do início da vida. O medo tomava conta de mim, como conseguiria aceitar essa condição de que era inevitável? Eu lutava contra o relógio, mas apesar de minha plenitude ao afirmar que espiritualmente era jovem — o que era verdade — os sinais de meu corpo me contrapunham.

Saio de meus devaneios e termino de me arrumar, iria à casa de minha mãe, uma bela senhorinha, no auge de seus 96 anos, que era admirada pelo modo que enfrentava as dificuldades na vida. Apesar de ter sua mobilidade limitada a uma cadeira de rodas, continuava esperançosa com a vida, afirmando anualmente em seu aniversário “Viver é muito bom! Não quero ir embora.”

Talvez ela tivesse a resposta para todas minhas dúvidas! Como será possível envelhecer de forma tão positiva? Eu me perguntava com certa frequência. Deixo meus pensamentos de lado e pego meu caminho.

Chegando ao bairro de muros baixos e casinhas térreas, saboreio as lembranças vívidas de minha infância e juventude nesse local suburbano. Estaciono meu carro em frente ao local onde vivi grande parte da vida, a casa amarela de grades vazadas, já identifico a silhueta de minha progenitora, sentada em frente à casa observando o movimento.

“Mãe!”

Exclamo animada indo em sua direção, lhe dando um beijo na bochecha e um abraço apertado. Ao cruzar seu olhar com o meu, essa senhorinha que havia vivido muitos anos a mais que eu, compreendeu que algo estava errado. E sabendo de meus pensamentos reflexivos sobre a velhice, me disse sem pestanejar:

“Minha filha, o segredo da vida não está em fugir da velhice, mas em acolhê-la.”
Eu fico intrigada, mas não a questiono como sabia que esse era o assunto que me incomodava no momento e lhe pergunto:

“Como eu posso receber de bom grado algo que me assusta tanto? Aceitar suas limitações?”

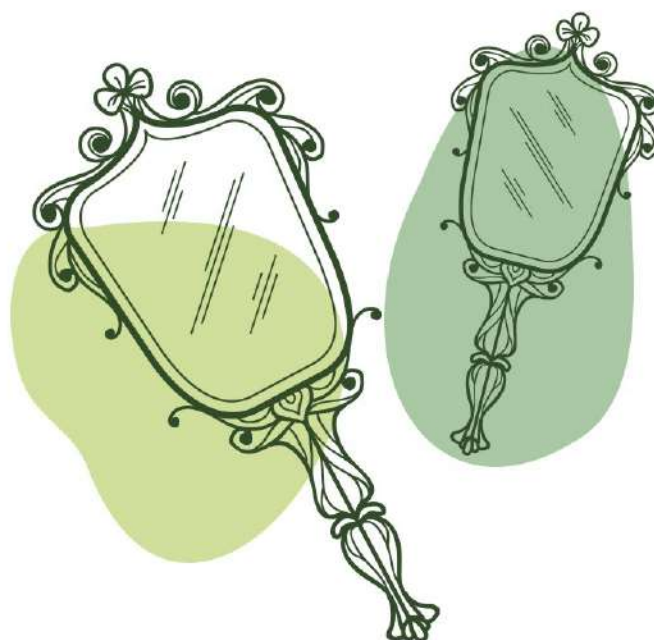
Ela sorri docemente para mim, o mesmo sorriso que me dava consolo após cair de minha bicicleta e ralar meu joelho. E respondeu:

“A velhice é uma dádiva, minha menina! É um verdadeiro presente, que nem todos têm a oportunidade de receber. Ela traz consigo sabedoria, experiência e uma visão única sobre a vida! Ao invés de resistir ou ficar deprimida, busque aceitar como parte de sua jornada.”

As palavras de minha mãe ecoaram em minha cabeça, comecei a refletir sobre minhas próprias experiências. Percebendo o quanto estava perdendo a oportunidade de aproveitar minha vida ao não aceitar minha própria velhice.

Decidi abraçar essa nova fase, aceitando os sinais do tempo como marcas de uma jornada cheia de aventuras e rica em aprendizado. Com o passar do tempo, descobri uma serenidade que nunca havia vivenciado antes. Aprendi a apreciar o momento, me conectar com minha família ainda mais e compartilhar minhas experiências com os mais novos. Envelhecer começou a ter outro significado e atualmente, cinco anos após a morte de minha mãe, eu que digo:

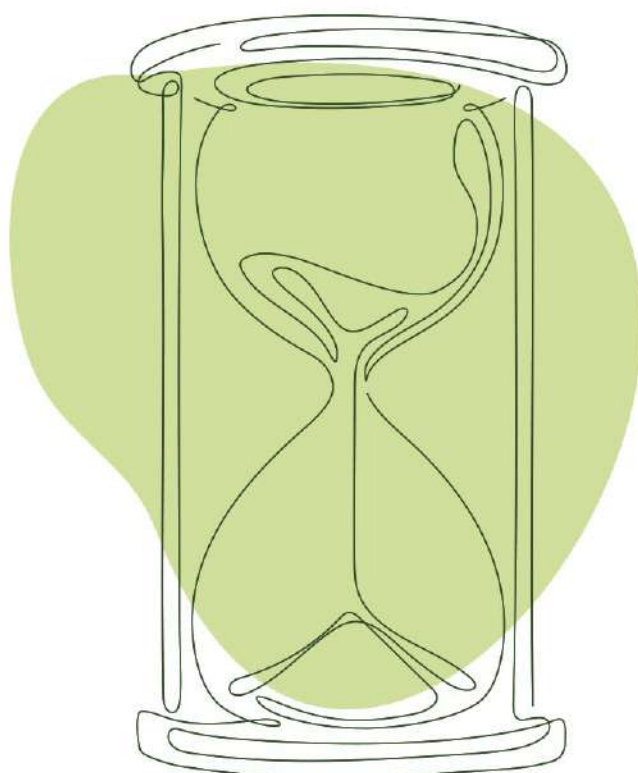
“Viver é muito bom! Não quero ir embora”.



PASSAR DAS HORAS

Roberta Farias Bradley Alves

Ainda com a lua. Ainda sem companhia. Um feixe de luz. Um calor sem fim. Um conforto em companhia. Ainda com o sol. Ainda ao seu lado. Arrumar. Cuidar. Ser muito mais que um ser. Abraço caloroso. Olhar bondoso. Ela está ali. Um ar mais puro. Um andar mais calmo. Um olhar entristecido. Ainda com companhia. Ainda tremendo cair. Caminhar. Encarar. Continuar. Ser mais que um ser. Em casa se prostrar. Sorriso de aconchego. Ainda ao seu lado. O tempo passa. As horas se vão. O temor lhe enche. A luz continua. A mesma sombra de quando corria. A mesma sombra de quando pulava. A mesma sombra de quando brincava. A mesma sombra de sua infância. Um olhar de pena não importa. Um caminhar com ajuda não importa. Um pensar com dificuldade não importa. Continuo com a mesma sombra ao meu lado. Continuo sentindo toda sua bagagem. Continuo sentindo todo meu ser. Os anos passam. Envelhecer inevitável. A sombra continua. Ainda tenho aquele sorriso. Ainda tenho aquele ser. Ainda sou eu. Ser muito mais que um ser mesmo ao envelhecer. As horas passam, mas nada muda. A sombra continua intacta.



SOBRE O ENVELHECER...

Lilian de Oliveira Santos

Sempre vem à minha cabeça a seguinte frase quando penso no processo de envelhecer, "um mal necessário ao qual não há escapatória", mas, às vezes, observo como uma vitória, o ápice de vida ou até mesmo como a chegada do merecido descanso. Porém, tais pensamentos sempre remetem ao fim de um longo ciclo, a vida, e o início da aceitação sentimento de perdas e da morte eminente. Mas será que é realmente o fim? Essa questão me faz lembrar de uma conversa que tive com uma senhora que viveu dois grandes romances ao longo de seu percurso na vida.

Estava eu, sentada na sala de estar, em 2009 ou 2010, não me recordo do tempo exato, mas ainda era pequena o bastante para gostar de desenho, assistindo TV, quando essa idosa começou uma das suas histórias sobre seus momentos memoráveis de jovem, cheia de paqueras e pretendentes, a qual até chegou a fazer ciúmes a sua professora.

- Eu não tinha feito nada, José - falou Dona Júlia se dirigindo ao meu pai - mas fui expulsa do colégio porque a professora ficou com ciúmes de mim.

Era exatamente assim que ela contava ao meu pai suas aventuras. Posteriormente, iniciou a contar sobre sua história de romance juvenil. Na década de 50, em uma das festas ocorridas, no interior do Ceará em uma cidade denominada Icó, que existiam na época, ela conheceu sua primeira paixão. Como muitas jovens, também gostava de se divertir com as amigas, claro, com a permissão de seus pais. Nessa celebração promovida pela Igreja, conta que foi tirada para uma dança.

- Estava eu com minhas amigas e ele se aproximou de mim sorrateiramente, quando vi ele estendeu a mão e me chamou para dançar - falou ela, já despertando minha atenção - eu o achei bonito de primeira e aceitei o convite.

Na sala, todos atentos a história, ela o descreveu. Ele tinha cabelos pretos e olhos azuis como o mar e se chamava Godense, nome peculiar e nada parecido com seu dono, mas ela se encantou com ele. Dias e meses se passaram depois daquela dança e o pouco contato que tinham sempre era por formalidades de encontros de familiares ou amigos.

- Não podíamos ficar a sós com os homens na época - esclareceu para a gente.

Contudo, no ano seguinte, por ser expulsa da escola, por conta do ciúme inadequado de sua professora, segundo ela, seu pai começou a procurar alguém para se casar com ela, já que para ele “ela não queria estudar”.

-Naquele tempo, nossos pais que escolhiam com quem nos casaríamos... pensei em fugir, mas não tinha ninguém que estava tendo contato ou um romance proibido, só havia aquela paixão escondida dentro de mim - disse refletindo e olhando para a janela.

Em pouco tempo seu pai já havia arranjado seu futuro marido, a qual o reconheceu pelo nome, pois se chamava Acrizio Paulo, irmão mais novo de Gondense.

- Sério?! - exclamaram os ouvintes, incluindo eu.

Ela se casou em um curto espaço de tempo e viveu por anos com o seu marido, teve 7 filhos, 4 homens e 3 mulheres. Sr. Godense se casou também e ambos se respeitaram por anos, apesar do sentimento silenciado em ambos os corações. Em 1994, um ano de grande luto, Dona Júlia acabou virando viúva, após anos de dedicação ao lar e a família.

- Meus filhos já estavam crescidos, muitos já haviam se casado ou partido para outro estado, só ficaram as mais novas, Lúcia e Neide - falou por fim.

Mais anos se passaram e ela foi viver com sua filha mais nova, Neide, por conta da idade. Sua filha notou a tristeza invadindo a vida de sua mãe aos poucos, a partir do aumento do sono, perda de apetite e o surgimento de doenças. Porém, em 2008, sua cuidadora e filha recebe uma ligação surpreendente de Sr. Godense querendo reencontrar Dona Júlia. Foi, assim que ela observou sua mãe renascer e se iluminar, pois aquele amor tão escondido poderia, enfim, florescer.

No mesmo ano, os amantes começaram a morar juntos e se casaram, e voltaram ao tempo de juventude. O amor podia, sim, ser vivido em qualquer idade ou circunstância. Além disso, o apoio dos filhos e a consciência da importância desse reencontro foram cruciais para concretizar tal união.

Hoje Dona Júlia tem 80 anos e vive a sua grande história de amor com Godense.

MARIA ANA

Daniel Bezerra de Moraes

Outrora a vida se fazia despreocupada, correndo pelas ruas, pisando em lama, colhendo flores nos jardins vizinhos, parece o ontem ou o agora. A vida passou como um ônibus que não espera passageiros desatentos. Assim lembrava Maria Ana, enquanto desfrutava do balanço de sua velha cadeira. Maria Ana contava 74 anos, para ela havia mais passado do que futuro. Vivendo só, numa casinha humilde, não teve filhos, casou-se cedo e logo se fez viúva, desventura do tempo, que levou Joaquim, seu esposo, por causa do Tifo. Acorda toda manhã às cinco, vai na Janela avistar o céu lá fora, gosta de dias chuvosos, em que aquece seus pés com meia velha e passa um café. A velhice pode ser solitária para quem não sabe viver com outros seres. Não é o caso de Maria Ana, que cria nina como uma filha que rosna e solta pelos. Nesse clima a vida parece calma, como a areia do mar que se assenta após a passagem da tormenta. No balanço da cadeira Maria Ana pensava, quem eu sou? Onde estão os meus?

O que pode definir um ser que viveu tantos anos quanto um sete seguido do quatro? Em que momento a velhice se tornou o que sou, ou eu me tornei a velhice? Ser ou possuir.

Maria foi criança, foi jovem, adulta e agora é velha. A árvore já foi semente, foi muda e passou a dar seus frutos.

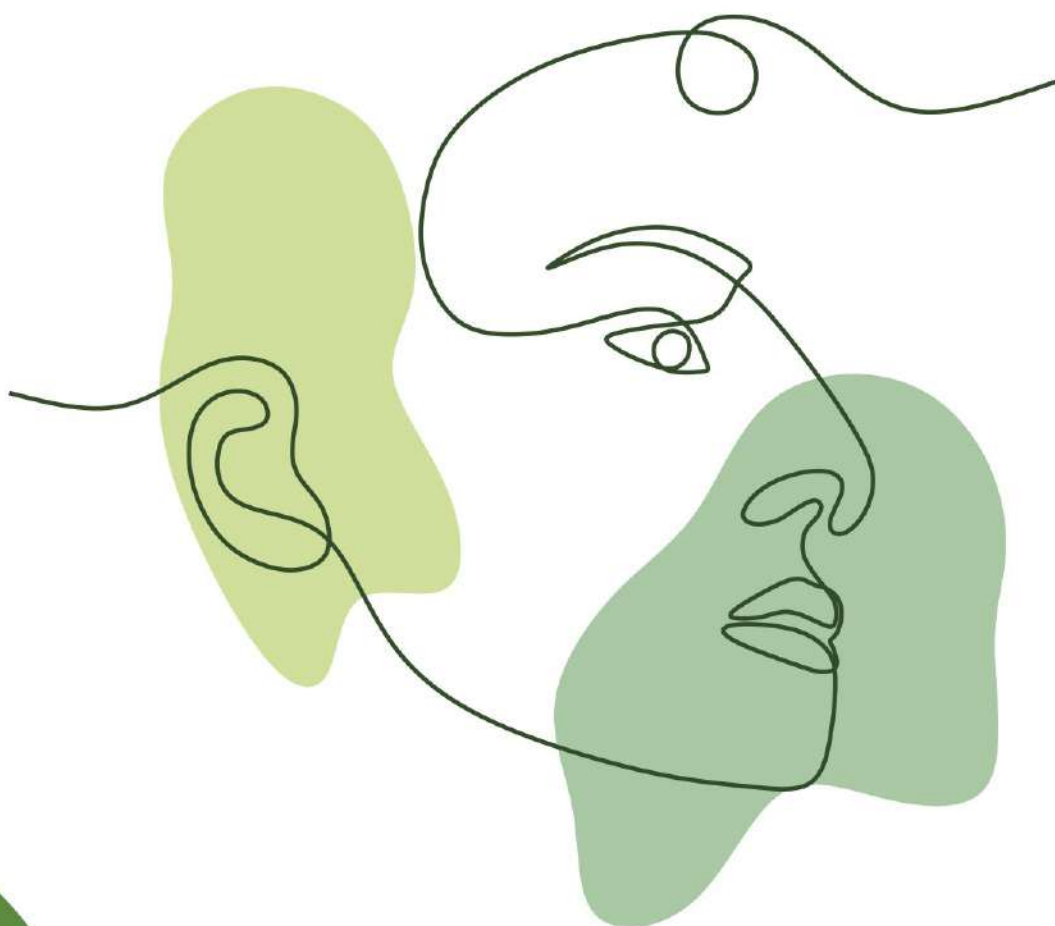
Maria Ana quando perdeu o marido, foi morar com a mãe, também viúva, dona Zé, a Maria José. Fez carreira de professora, educar alimenta a alma, o que deu à vida de Maria Ana uma razão para viver. Num livro que folheava, certa vez, estava escrito: primeiro devemos amar a vida, depois buscamos um sentido. Foi nisso que ela se apegou e seguiu seus trilhos. Perdeu a mãe e a sua única irmã, Luzia, e foi vendo todos os conhecidos pegarem o trem para a eternidade. Mas Maria Ana, balançando na cadeira, não se lembrava disso, menos ainda lembraria ela da última refeição que fez. Os vizinhos alertaram ao doutor da demência de Maria, disse ele ao examinar que não tinha jeito: é coisa da idade, do jeito que está, não pode viver só.

No balanço de Maria, ela lembra dos alunos, das estradas que passou, das rendas e vestidos, da hortinha que plantou. A lucidez talvez esteja indo embora, mas lucidamente sabia que estava instalada na velhice, e que para ser velha, também é a criança, a jovem e a adulta. Pois o tempo é a degeneração das horas, mas o passado é eterno.

QUESTIONAMENTOS **SOBRE O ENVELHECIMENTO.**

Isabela Rodrigues

Envelhecer. Envelhecer e morrer? Não, envelhecer e viver, envelhecer sem arrependimentos de um questionamento sobre se a vida poderia ter sido diferente, envelhecer entendendo o processo do próprio corpo e que as marcas são a bagagem de quão intensa foi a vida. Envelhecer e Senilidade? Não, envelhecer e ser senescência, na pura palavra de ser, sem medo de julgamentos ou olhares, a velhice não se faz senil, o ser humano se faz. Envelhecer e desamar? Não, envelhecer amando o ser, o si próprio e o outro, a velhice trás uma sabedoria que poucos têm o calejo de lidar. Enfim, envelhecer sendo, envelhecer fluindo. Envelhecer.



A INCANDESCENTE ESSÊNCIA DE CATARINA

Amanda Freitas Dos Santos

Saber que não se é nada, deixar ir como se fosse tudo e se resguardar, sabendo-se que o único que permanecerá por inteiro, será a essência de quem um dia, fomos.

A singela, breve e alucinante, lembrança escaldante ao olhar pela janela cinzenta, que um dia foi límpida.

O rosto envelhecido que olha para a outra, aquela que me acompanha, cujo laço não se desamarra a mim.

A sombra no espelho, aquela que anuncia, de forma cruel e incisiva, os fins dos dias dela.

De frente ao abismo, está a si, sem cor, trajando seu único vestido, de tonalidade cinza, como seus olhos, seus cabelos e sua pele.

Sujos de seus próprios fragmentos, reluz a luz do luar e se faz célebre na memória dos que relembram, de quando ela dançava sobre os olhos da multidão, e então, o tempo se autorizou automaticamente a passar, de início, sucinto, ela não ousou deixar de sentir a suavidade de sua própria pele e viu, aos poucos, se tornando fragilizada e enrugada.

Só que, o tempo não anunciou seus percalços seguiu-se sem explicações, sobre tamanhas dores, foi-se levando sua essência, cruelmente dispersa.

Não perguntou a ela, se gostaria de ir a bordo, rapidamente a levou, a cavalo, a carro, a avião, cada vez mais, se foi, sem possibilidade de retorno ou parada, removendo seu respiro, arranhando suas entranhas e a tomando depressa.

Catarina, pôs-se a entender. Não era uma estadia, o seu caminho, era o percurso, aquela estrada cheia de buracos, era como os do seu peito.

Entendeu-se então, deveria seguir-se sem medo do tropeço e assim, há de chegar no seu fim.

Tudo que restou a ela, foi seu bloco de notas e um lápis esmigalhado de tanto se usar, mas é com tais itens que ela lança seu olhar.

Assim, Catarina parou de escrever.

Se inclinou sentada, sem se levantar, não se podia, era cadeirante.

Olhou ao redor, não se havia nada que fosse realmente seu, era tudo passageiro. Sabia sem hesitar, que o tempo há de tomar tudo que poderia ser seu, não se valia a pena resmungar.

Naquele dia, estava pensativa, viria a sua casa, sua bisneta distante, trazendo sua jovialidade para entorpecer o coração daquela outra, de emoções pouco usuais. Então, escutou batidas em sua porta, anunciou alto.

- podes entrar!

A porta está aberta. Escutou uma resposta ligeira.

- Estou entrando, bisa! - A bisneta de Catarina adentrou ao local com um buquê de flores em mãos e chocolates suíços na outra.

A senhora sorriu ao notar os chocolates, mas logo o desmontou. Notou-se as flores, seria isso, o presságio de sua partida? Sentiu sua garganta apertar, era desesperador de se pensar.

E então, indagou à outra.

- Estás a tentar me ofender? Esse buquê é para defunto. Jogue-o fora! Mas o chocolate.... Eu o amei. A sorridente garota, agora corada pelo desconforto de sem entender estragar o humor de sua bisavó, se aproximou, cheia de dúvidas sobre o motivo de tais impressões.

- Por qual motivo te dói tanto a morte, bisa? As flores são perfumosas e as mais belas que havia em meu jardim. Eu as colhi só para ti, lhe prometo que não foi com a intenção de fazer-te mal. – disse com relutância.

Catarina se sentiu alarmada, mas logo percebeu-se, foi drástica. Sorriu de volta, como um ato de se voltar atrás, mas o peito lotado de sentimentos que se tentava esconder. Respondeu-se.

- Meu medo não é da morte, é do que se relembra ao partir. Imagina, me encontrar num abismo tão grande só com meu eu, minhas decisões erradas, os amores que não experimentei, os drinks que não tomei, os lugares que não viajei, os beijos que não deu, e as saudades...

Eu, que me sinto um nada, me deparando com o breu, se tudo apagar, como dizem, ficarei só comigo, e isso, é tormento por demais.

A senhora, agora, fitou o chão, de vergonha, suas convicções a respeito de si eram intolerantes até para a sua própria sombra.

Sua bisneta então, pegou sua mão e sorriu.

- Minha querida bisavô, se na vida há de se faltar amores para amar, bocas para beijar, abraços para se abraçar, lugares para se conhecer, é sinal que em você há vida, ela deve ser celebrada por mais doída que seja. Encarar seu eu, e relembrar de tudo que ousou fazer, se atreveu a ser, e se for pouco, então, se atreva a fazê-lo agora. Enquanto a vida urge por entre nossas veias, é um motivo para não se amarrar ao lado da tristeza. Tudo há de ser útil, até as lágrimas que molham teu rosto e as mãos fragilizadas pelo tempo que me pegaram no colo e me embainharam com todo o amor, eu lembro, para sempre, em mim. - enquanto se falava, Catarina se derramava em lágrimas.

Ao finalizar sua divagação, a garota emocionada, avisou que gostaria de levá-la à um lugar diferente, sugeriu vender sua bisavó para findar a surpresa. Catarina aceitou tal decisão, relutante.

Ao chegar no lugar, notou-se o sol queimando sua pele e seus cabelos, ao remover a venda, seus olhos.

Sentiu-se surpresa e paralisada. A garota levou-lhe ao seu lugar favorito, em que conheceu o seu grande amor, aquele que se foi deixando seu coração sangrando. - A senhora me falou sobre coisas que não viveu, gostaria de lhe fazer sentir novamente um tanto do quanto ousou experimentar, e de que, ainda há de se viver. - disse a jovem.

Catarina ficou em silêncio por um bom tempo, após isso agradeceu pela surpresa e se estenderam por ali mais um bom período de tempo.

De volta para casa, foi estabelecido que haveria visitas todo mês, com novas surpresas.

Catarina aguardava cheia de alegria, o momento em que ouviria as batidas em sua porta e os passos pelo seu carpete.

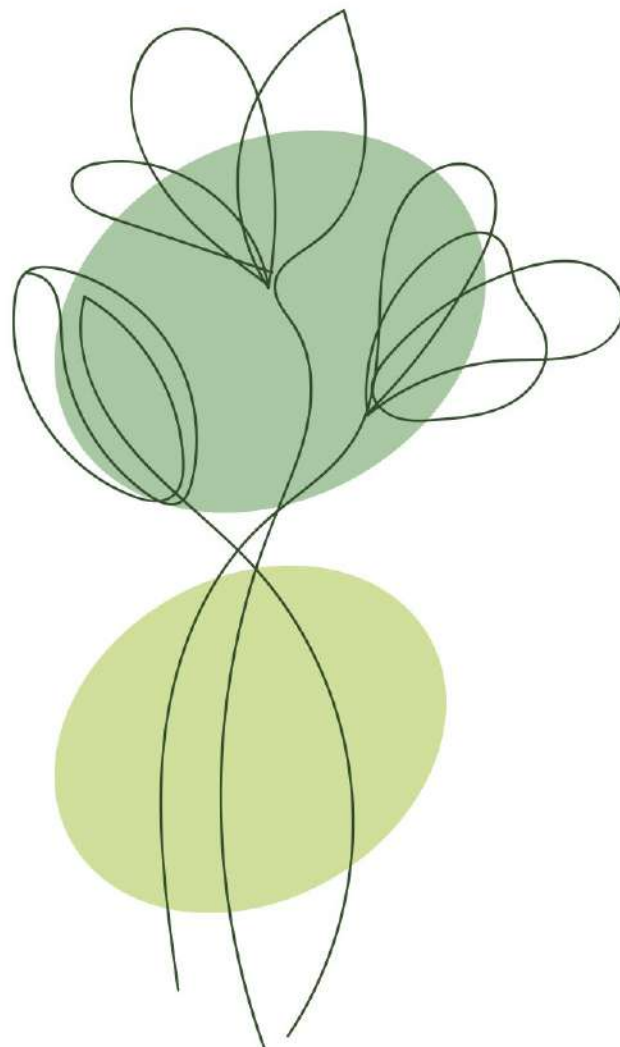
Aquela voz suave, de menina, que acalentava seu coração e lhe ensinava mais do que um dia, ousou saber.

Entendeu que a vida não precisa ser corrida, pode ser sucinta, o tempo há de ser bondoso, ao aquecermos nossos corações e prepararmos nossas mentes para as tempestades confusas e estrondosas.

Ousou se atrever a encarar sua figura no espelho e esboçar um sorriso, visualizando seu eu envelhecido e apreciando suas marcas, elas anunciavam seu percurso, eram parte de sua vivência, sem elas, não se havia nada.

Dois meses depois daquele fatídico dia, ela não se acordou para olhar de sua janela, ou apreciar seu rosto agora colorido, no seu espelho entorpecido.

Dormiu e se entregou ao seu fim. Sem remorsos, apreciando o que um dia foi. Dizem, as boas línguas, que cada poeta, contempla sua mente estrambólica e ecoante. Catarina ousou ser ela, num mundo em que ser você mesmo, é sinônimo de exclusão. Ela ousou envelhecer, e no fim, gostou do que viu.



A VIDA DE ROSE

Letícia Cavalcanti

Rose estava terminando de colocar o sapato para sair de casa. Ela foi convidada para um almoço na casa de sua filha mais nova, Tereza. Ela amava todas as oportunidades de se reunir com sua família. Pensava em que roupa iria usar, caprichava na arrumação do cabelo e sempre planejava comprar chocolate para seus netos.

A campanha tocou, sua filha Cláudia havia chegado para buscá-la.

- Oi, mamãe. Como a senhora está? – perguntou Cláudia com um sorriso forçado no rosto.

- Estou indo, minha filha. Tudo seria melhor se pudesse estar mais perto de vocês.

- Oh, mamãe. Não estamos juntas agora? Vamos pro almoço, colocar nossas conversas em dia, vai ser ótimo.

Rose foi pegar sua bolsa na sala e dirigiu-se para fora de casa. Cada dia era mais difícil fazer coisas que antes pareciam tão simples. A casa tornou-se um verdadeiro obstáculo, com um amontoado de móveis e tapetes. Será que era preciso aquilo tudo? Um acumulado de vida.

Cláudia sempre foi muito atenciosa com mãe, oferecendo a mão para ela.

Chegando à casa de Tereza, Rose pegou os chocolates que tinha comprado para os netos. As crianças estavam brincando na varanda do apartamento, montando um quebra cabeça. Quando eles a viram, correram em sua direção abrindo os braços para um abraço, todos falando ao mesmo tempo, ela não conseguia entender muito bem o que cada um falava.

Aqueles sentimentos de euforia e felicidade expressados pelas crianças enchiam o coração de Rose de alegria. Ela sonhava em poder sentir aquela cena todos os dias de sua vida.

Rose morria de orgulho de seus cinco netos. Pensava o quanto era especial ver sua vida se perpetuando em outras. Assim, sentia neles a própria imortalidade, a perpetuação do seu legado. Parte dela sempre viverá em seus filhos, netos, bisnetos. Esse sentimento tranquilizava o coração. Ela podia claramente enxergar seu falecido marido, Carlos, em seus filhos e netos. E assim seguia a vida de Rose.

CRÔNICA SOBRE O ENVELHECER

Karinne Grazielle Oliveira Silva

O sol já se despedia no horizonte, tingindo o céu de tons alaranjados e dourados. O senhor Paulo, em seus 70 anos, encontrava-se em sua poltrona preferida, posicionada estrategicamente ao lado da janela da sala. Era ali que ele gostava de passar parte de suas tardes, observando o mundo exterior e as transformações da vida.

Naquela tarde em especial, seu olhar repousava sobre a rua movimentada em frente à sua casa. Crianças brincavam de bola, enquanto mães e pais retornavam do trabalho, carregando sacolas e preocupações. O vaivém constante dos pedestres e o burburinho típico da cidade preenchiam o ar.

Uma jovem mãe, com um bebê no colo e uma criança de mãos dadas, tentava atravessar a rua. Os carros, impacientes, buzonavam, pedindo pressa. Paulo observava a cena com um misto de nostalgia e preocupação. Lembrou-se das vezes em que, com seus filhos pequenos, enfrentava situações semelhantes. A responsabilidade de proteger os pequenos, os desafios diários e a busca por um futuro melhor para sua família eram suas prioridades na época.

Em meio às lembranças, uma imagem em particular o transportou de volta a um dia chuvoso. Seu filho, então com uns cinco anos, insistia em saltar nas poças d'água, enquanto ele, Paulo, tentava mantê-lo seguro sob o guarda-chuva. Uma risada infantil, um abraço apertado e aquele olhar puro de admiração eram lembranças que o tempo não conseguira apagar.

Um suspiro profundo trouxe-o de volta à realidade. Observando a jovem mãe finalmente alcançar a calçada oposta, ele pensou sobre como a vida era efêmera e, ao mesmo tempo, repleta de momentos que pareciam eternos em nossa memória.

Ao fundo, o som de uma melodia antiga, da época de sua juventude, começou a tocar no rádio, trazendo consigo mais lembranças. Paulo fechou os olhos por um instante, permitindo-se mergulhar nas recordações, na dança da vida que, mesmo com seus altos e baixos, continuava a fluir, assim como a rua movimentada que se estendia diante de sua janela.

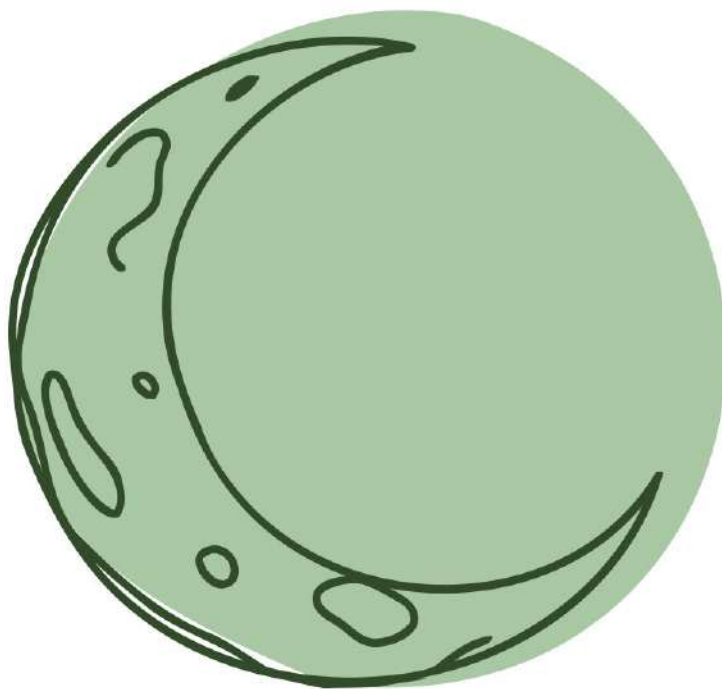
CREPÚSCULO DA JORNADA

Emanuely Lima da Silva

Nas dobras do tempo, aprendi a lição,
Fernando Pessoa, grande coração.
"Para ser grande, sê inteiro", ele diz,
Na jornada da vida, esse é o matiz.

Cada máscara usada, uma dança única,
Na sinfonia da existência, a música.
Sê todo em cada ato, pequeno ou grandioso,
Tece a tapeçaria do ser, majestoso.

Assim, no crepúsculo da jornada vivida,
A grandeza se revela na entrega compartilhada.
Na lição de Pessoa, ecoa a verdade,
Ser inteiro é viver na plenitude da saudade.



O JOGO DA DA MEMÓRIA INFINITA

Maria Clara Nadler

Nos cantos do asilo de Dona Zélia, um grupo de idosos encontrou um enigma há muito tempo esquecido, um antigo tabuleiro de madeira entalhada com detalhes dourados reluzentes. Esse objeto misterioso, guardado por anos em um sótão esquecido, chamou a atenção dos residentes curiosos.

O Jogo da "Memória Infinita", como foi chamado pelo sábio senhor Benjamin, levou a uma jornada inesperada para aqueles que quiseram jogar. Com a peça central colocada e os dados lançados, no tabuleiro surgiu uma névoa suave que transportou cada jogador para suas memórias mais profundas. Na primeira jogada, a senhora Márcia viu-se revivendo sua juventude, dançando em uma noitada com seu amor perdido. Ao sentir novamente a jovialidade daqueles momentos, suas rugas pareciam mais amenas, e um brilho renovado enfeitou seus olhos cansados. Enquanto isso, o sr. Alberto, um ex-piloto de guerra, encontrou-se pilotando seu avião de guerra em uma missão de muito tempo atrás.

Contudo, com cada jogada, uma escolha crucial se apresentava: continuar revivendo o passado ou escolher criar novas memórias para o futuro. O jogo exigia que cada jogador confrontasse suas próprias decisões, de forma que enfrentasse os fantasmas de suas vidas passadas enquanto equilibravam-nas com a esperança de um futuro ainda por vir. Conforme o jogo progredia, os idosos percebiam que as memórias não eram apenas lembranças isoladas, mas sim uma força que moldava o presente e o futuro. A senhora Márcia percebeu que, ao reviver seus momentos felizes, transmitia alegria e amor para aqueles ao seu redor, transformando o asilo em um refúgio de calor e afeto. O sr. Alberto, depois que decidiu criar novas memórias ao invés de se prender ao passado, reuniu os amigos para aventuras pela cidade, reanimando seu espírito da juventude em seus corações envelhecidos.

Na medida em que o jogo prosseguia, cada escolha, cada memória revisitada e criada, guiaria o destino individual deles e também a dinâmica do grupo e, por fim, a comunidade em que viviam. O tabuleiro misterioso tornou-se uma metáfora da vida: cada lance dos dados era um convite para escolher entre a nostalgia ou o desconhecido do amanhã. No final, eles perceberam que a verdadeira magia estava na capacidade de equilibrar o passado e o presente, abraçando as antigas e novas experiências enquanto abriam espaço para novas memórias, redefinindo assim o significado do envelhecimento e da própria vida.

O ENVELHECIMENTO E SEUS CONTOS

Anna Luiza Muniz

Seu Caetano estava em um processo inicial de Demência. Certo dia, seu Caetano encontra com seu primo na Praça de Casa Forte em pleno Carnaval. Seu Caetano sugere ao seu primo Josias.

- Vamos ligar para nossa prima Rosinha Ramos?

- Que ótima ideia!

Seu Caetano pega o celular e liga para prima Rosinha e começa a perguntar como está seus dias de Carnaval e diz que não lembrava de que bloco veio. Começou a divagar falando sobre a hecatombe dos blocos em Recife. Passa o celular para seu primo Josias.

- Aqui é o seu primo Ramos de verdade. Porque o que estava falando antes era o Ramos de mentira.

Nisso Josias passa o telefone para sua esposa e diz.

- Fale com a prima Rosinha Ramos, Claudinha.

Claudinha começa entusiasmada a conversa.

Fada? Fada Madrinha?

O telefone ficou mudo...

Claudinha passa o telefone para sua filha, Maribel.

- Maribel retruca.

- Oxe! Vocês estavam falando com Rosinha Ramalho e não com Rosinha Ramos. Todos ficam perplexos e começam a rir...

Rosinha deve ter imaginado que todos que ligaram para ela estavam passando por algum processo de envelhecimento.

O envelhecimento tem dessas coisas.

SEIS HORAS DA MANHÃ

Lucas Campos Amaral Siqueira

Seis horas da manhã, o sol espriava pela janela e passava pelas brechas das cortinas. Um dia bonito se iniciava. Reinaldo rola pela cama tentando puxar as cortinas para cobrir as brechas. Não adiantou, o despertador tocou frustrando qualquer tentativa de voltar a dormir. Essa porcaria de sol, essa porcaria de despertador, essa porcaria de vida, resmungou ele.

Ele se levantou com ajuda de sua bengala e caminhou para a cozinha, passando por algumas plantas murchas de seu antigo jardim, pelo cavalete com teias de aranha, pela mesa empoeirada onde se encontra um aeromodelo inacabado. Monto amanhã, disse ele pela centésima vez, desde a morte da sua esposa. Faço amanhã, virou seu lema de vida. Fez o café e foi até a sala, ligou a televisão e lá passou o dia, se levantou para almoçar, voltou e assim passou as horas, até dar a hora de tomar os remédios e ir dormir.

Seis horas da manhã, mesma rotina, mesmas comidas, mesmo “Faço amanhã”, e assim passavam os dias, as semanas, os meses. Reginaldo culpa o médico, os remédios não estão funcionando. Não é a depressão que causa o cinza, as tintas das cores da minha vida se foram com ela. Só aguardo me juntar a você, Luana, pensou ele, melancolicamente.

Seis horas da manhã de um novo dia, mas não é um dia comum, suas lágrimas escorrem pelo rosto. Hoje é a data do seu aniversário de casamento, ele anda pela sala e olha a tela inacabada no cavalete, lembra que aquela obra que ele construía era o presente de casamento, um retrato do primeiro encontro, mas deixou para fazer amanhã. Infelizmente o tempo não espera o amanhã e uma dor no fígado da amada revelou um câncer avançado. A notícia virou um tiro no seu peito quando os médicos recomendaram para a sua esposa os cuidados paliativos. E assim foram os seus últimos dias com ela no hospital até ela partir.

De repente, ele é interrompido pela campainha tocando. Chegou uma carta, carta rosa, uma carta rosa com a letra de Luana. Como isso é possível? Ele a abriu com todo cuidado.

Bom dia, meu velhinho, se estás lendo isso provavelmente eu já devo ter partido, não tente descobrir como essa carta chegou porque vai estragar a brincadeira.



Bem, sei que já deve ter chorado nos primeiros meses e ter passado os últimos meses na fase de velho chato. Essa cartinha de saudades vem com alguns desejos, que os “faço amanhã” virem “faço agora”. Apesar de não ter mais o meu inseparável lápis, quero que tu continues escrevendo a tua vida. Sim, foi um prazer participar do livro dela, volte a cuidar da saúde para poder se aventurar, estou ansiosa aqui no céu para ouvir as novas histórias.

Com amor, tua Luana.

